

O *setting* de psicomotricidade relacional na escola pública: uma pesquisa-intervenção com crianças, ressignificando os tempos de pandemia

*Priscila Barros de Freitas, Luciana Lobo Miranda, Abner Oliveira Lopes da Silva
Yana Fabrícia e Silva Lucena*

Introdução

A pandemia da COVID-19 tem trazido desafios à educação, no Brasil e no mundo. O cenário exigiu rápida e inédita reação de todos os países, que, de maneira quase universal, optaram pelo fechamento provisório de escolas públicas e particulares. Em março de 2020 a pandemia trouxe a necessidade da adequação às aulas no formato remoto, um grande desafio para famílias, crianças e professoras. E não menos desafiador, o retorno às aulas presenciais, as expectativas que foram formadas e o medo após o distanciamento social. Em Fortaleza, Ceará, houve um período de transição, primeiro de forma híbrida em setembro de 2021, até o retorno 100% presencial para as escolas da Secretaria Municipal de Educação - SME, em janeiro de 2022.

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2022) destaca que a pandemia e o fechamento das escolas tiveram impactos substanciais na educação, privando cerca de 365 milhões de estudantes do ensino Fundamental, do primeiro ao sexto ano, do acesso à merenda escolar. Além disso, esse cenário contribuiu de maneira significativa para o aumento das taxas de estresse, ansiedade e outros desafios relacionados à saúde mental. Neste contexto, tornou-se crucial transformar todas as escolas em ambientes que promovam, protejam e estimulem a saúde, visando a contribuição para o bem-estar, o desenvolvimento de competências para a vida, habilidades cognitivas e socioemocionais, bem como para a adoção de estilos de vida saudáveis, tudo dentro de um ambiente de aprendizagem seguro. Para tanto, em 2022, foi criado pela OPAS, um documento que orienta os sistemas educacionais para uma abordagem sistemática de escolas promotoras de saúde, o mesmo divulga padrões e indicadores globais.

Um fato a ser considerado é que tal período, inevitavelmente, trouxe o distanciamento de corpos. Afinal nesses tempos, a convivência com a escola ficou limitada a mensagens pelo whatsapp ou a entrega de atividades gráficas impressas para as famílias que não tinham acesso a internet, podemos dizer que pouco havia uma noção de turma ou de pertencimento de um grupo entre colegas e professoras. O olhar passou a ser feito através das máscaras e telas, em grande proporção, o toque foi evitado, a distância incentivada, pelo medo de uma doença vinda através do corpo do outro.

Para pensar sobre estas constatações, consideramos importante, o que nos parágrafos seguintes justificamos, trazer aqui as contribuições de André Lapierre, criador da Prática Psicomotora Relacional a fim de articulá-la com o contexto pandêmico. Para ele, o corpo e suas relações têm parte fundante em sua teoria de desenvolvimento humano. Por meio de experiências em seus estudos, considerando vivências práticas, em que baseado em propostas lúdicas espontâneas, ele defende uma concepção de desenvolvimento bio-socio-psico-afetivo do ser humano, fundado na falta primeira do corpo do sujeito, no corpo do outro sujeito (VIEIRA, BATISTA e LAPIERRE, 2013). Ao relacionar a Psicomotricidade Relacional e o desenvolvimento infantil em tempos de pandemia, continuamos a refletir: como as ideias de Lapierre podem nos ajudar a compreender esse contexto, visto a importância que o corpo tem, segundo ele, no desenvolvimento humano? Segundo Vieira,

Batista e Lapierre (2013), o *setting*, e os jogos que nele acontecem, permitem que as crianças ressignifiquem sentimentos, impulsos e atitudes, favorecendo o ajuste positivo de aspectos socioemocionais em sua formação.

O vírus, a pandemia, a educação fora da escola em seu espaço físico, colocou em tela algumas das dificuldades vividas diariamente na escola pública, a vida das crianças em seus próprios lares. A precariedade do cuidado experimentado pela maioria de nossos alunos, desde a ausência de parentes que favorecessem uma infância saudável e afetiva, bem como a falta de um espaço íntimo, dentro da própria casa, quer seja um quarto, uma cama ou uma simples mesa, como lugar para brincar. Nas casas, de acordo com os vídeos que as crianças nos enviavam, quando enviavam, havia espaços improvisados, casas pequenas com famílias numerosas, um cômodo dividido por adultos e crianças, a ausência de conforto. Todas essas questões influenciam a relação que as crianças constroem com o espaço escolar, com os colegas e professores. Vivenciar tal experiência foi ir ao encontro da vulnerabilidade de nossos alunos. Na escola, presencialmente, já eram conhecidas as dificuldades de acesso a necessidades básicas como alimentação, moradia, saneamento e higiene. Mas no ensino remoto pudemos ver a extrema precariedade de suas formas de sobreviver.

Ao retornar às aulas presenciais, em setembro de 2021, as medidas sanitárias adotadas pela escola nos colocavam próximo às crianças, mas ainda de alguma forma distantes. Vale destacar que neste contexto, a Psicomotricidade Relacional, atividade implantada em algumas escolas da rede municipal desde 2013, precisou reorganizar seus atendimentos. Aqui consideramos importante relatar uma experiência vivenciada por mim, uma das autoras deste texto, professora psicomotricista relacional em escolas desde 2013, e nesta escola desde 2017.

Atentas às necessidades das crianças, juntas, outras professoras psicomotricistas relacionais e eu, planejamos momentos que pudessem acolher nossos alunos ao espaço escolar. Ao ouvir os alunos sobre como havia sido esse período de aulas remotas, pudemos perceber que havia percepções que as crianças tinham sobre o distanciamento social de acordo com sua subjetividade, que precisavam ser escutadas, diferente dos conhecimentos formais dos adultos e sobre o que orientam os manuais sobre saúde mental e pandemia. Essas crianças, eram na época, alunas do 1º ano do ensino fundamental, tinham por volta dos 7 anos de idade, e vivenciavam o processo de alfabetização de uma forma diferente do habitual até então.

Posteriormente, em 2022, algumas problemáticas comuns foram levantadas entre as professoras pedagogas desta escola. A primeira delas, foi sobre o comportamento das crianças e a dificuldade na forma como elas lidavam com regras de convivência da escola. Os atos de cooperação, socialização e respeito se transformaram em um grande desafio pós-pandemia. Uma segunda questão frequente, tinha relação com as dificuldades de aprendizagem, em especial para aquisição dos processos de alfabetização, os alunos nesta etapa de sua escolarização já deveriam ter como base a apreensão de alguns conteúdos formais para conseguir aprender.

Levando-se em consideração este contexto, a presente pesquisa se fundamenta no processo proposto pela pesquisa-intervenção como método de pesquisa alinhado à Psicomotricidade Relacional. Nestas abordagens, a forma de se relacionar com os participantes é semelhante, pois ambas enfatizam a importância da implicação do pesquisador/psicomotricista na relação com o outro no campo de pesquisa/setting. Para tanto, buscamos recuperar o contato com as mesmas crianças que vivenciaram a pandemia e participaram das atividades que realizamos em 2021, mencionadas acima, que em 2023 foram alunas do 3º ano do ensino fundamental e passamos a utilizar a Psicomotricidade Relacional como prática em sua rotina escolar.

Esta pesquisa de doutorado faz parte do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC, especificamente da linha de pesquisa 2: *Subjetividade e crítica do contemporâneo*. Está alinhado a pesquisa guarda-chuva: *Escola, Promoção de saúde e Modos de subjetivação em tempos de pandemia de Covid-19*, financiada pelo CNPq¹ e devidamente aprovada na Plataforma Brasil pelo comitê de ética, sob o parecer 4.729.878. Bem como está vinculado ao Programa Observatório da Educação que, de acordo com a LEI Nº 11.207, de 17 de dezembro de 2021, tem como objetivo “desenvolver pesquisas educacionais junto à rede municipal de ensino, procurando investigar como políticas, programas e projetos são implementados e de que forma eles repercutem no sistema educacional e no desempenho escolar dos alunos” (Art. 2º, inciso I).

Deste modo, evidenciamos aqui como objetivo geral desta pesquisa: Investigar as contribuições da prática psicomotora relacional para a promoção da saúde na infância em tempos de pandemia e pós-pandemia com crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública.

Neste artigo em específico, como recorte desta pesquisa, desejamos trazer nossas impressões sobre o trabalho de campo, que segundo nossos achados, vão ao encontro das ideias centrais da sociologia da infância (LARROSA; CASTRO; ABRAMOWICZ; FERNANDES JÚNIOR), para tanto, temos como objetivo destacar as contribuições da Psicomotricidade Relacional no favorecimento de um espaço e lugar, físico e afetivo, em que as crianças são reconhecidas por serem atores sociais e agentes ativos na produção de cultura e subjetividades.

Desenvolvimento

A pandemia, a desigualdade social e a escola

Em 2019 nos deparamos com um fato que mudou o mundo, a pandemia pela Covid-19. No Brasil, em março de 2020, as escolas passaram a ter aulas em formato online, e o isolamento social se tornou realidade. Trazendo esse contexto para as escolas públicas do município de Fortaleza, há de se considerar a grande ampliação das diferenças econômicas e sociais a que as crianças ficaram mais vulneráveis, principalmente no que diz respeito ao acesso à educação.

Enquanto crianças de escolas particulares tiveram aulas síncronas, via aplicativos de encontro de grupo online, as crianças de nossas escolas, sequer tinham acesso à internet. Nos meses que se seguiram houve um esforço dos governos estadual e municipal para entregar às famílias chips que facilitam o acesso à internet móvel. Contudo, o que ficou mais visível para nós que compomos a escola pública, professores e funcionários, foi o escancaramento das necessidades básicas da vida das crianças e suas famílias, como alimentação, moradia, higiene e saneamento.

Sobre as desigualdades sociais, Kohan (2020) afirma que no Brasil as diferenças foram ainda mais acentuadas, em virtude do período político vivido com o governo anterior (2019-2022) no gerenciamento da pandemia. Aqui há que se ressaltar que neste período, vivemos no Brasil um governo comandado pela extrema direita na figura de Jair Bolsonaro e suas ideias, que foi negligente com sua população. Para Kohan (2020, p. 3), essa é a consumação da necropolítica, que, com inspiração em Foucault, conceitua de forma simples “entre nós, a necropolítica é um dispositivo do governo para fazer morrer e não deixar viver”. O mesmo enfatiza que a pandemia, longe

1. CNPq é a sigla para Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, uma agência governamental brasileira que promove e fomenta a pesquisa científica e tecnológica.

de ser combatida firmemente, estava sendo veiculada como mais um instrumento dessa necropolítica, uma oportunidade de consolidar a política da morte de forma mais rápida, segura e econômica. Ribeiro e Skliar (2020, p. 14) descrevem com palavras intempestivas os tempos de suspensão do normal:

O mundo parece estar se decompondo. Em sua decomposição, o esqueleto de algumas hipocrisias começam a se mostrar em sua gelidez e fealdade: o discurso neoliberal como remediador e democrático; a meritocracia como produtora de subjetividades obliteradas em sua potência; o absurdo da culpabilização da coisa pública pela falência do Estado; a política de mesmidade e homogeneidade como rota civilizatória e educativa; a educação como mercadoria; o pobre como culpável pela pobreza; o aluno que não aprende como culpado pela não aprendizagem; o professor como vilão da educação; o flagelo e o genocídio como políticas de governos; e a vida como bem substituível ou descartável.

Uma revisão sistemática realizada por pesquisadores da Universidade Federal da Bahia (SANTOS, MACIEL, SANTOS, CONCEIÇÃO, OLIVEIRA, SILVA E PRADO, 2020, p. 4211) denunciou:

observou-se incipiência de dados relacionados a raça/cor, o que pode revelar a pretensão de invisibilizar quem são os mais atingidos pela epidemia. A negação dos direitos básicos e fundamentais caracteriza a estrutura racista que tem operado a política de enfrentamento da covid-19 no país.

Em outra pesquisa desenvolvida na Amazônia, que analisou a atuação do poder público durante a pandemia, na perspectiva do movimento indígena, Belota, Jatobá e Rebelo (2021, p.2) chegaram à conclusão de que “os agentes públicos baseiam sua atuação no projeto das classes dominantes e os povos indígenas são profundamente atingidos pela inércia do poder público.” Tais estudos destacam as desigualdades sociais e a negligência do governo a que parte da população foi submetida.

E quase após dois anos em ensino totalmente remoto, a escola municipal abre seus portões e volta a ter aulas presenciais, ainda com muitas restrições, em setembro de 2021. Sair de casa e deter tempo suficiente para concentrar-se e aprender, distante das telas dos televisores e celulares, já não era mais um hábito comum. Estudar esteve durante esse tempo relacionado a solidão e rapidez, não havia “tempo” para contemplar um conteúdo novo ou para ouvir o outro com atenção. Percebemos o quanto as crianças e nós professores, estávamos desaprendendo a conviver da forma como fora antes, a adaptação no retorno à escola não foi fácil. Olhar através da máscara, cumprimentar sem se tocar, receber as crianças sem abraçar, essa não era a escola que conhecíamos. “Em um sentido, então, o vírus decretou uma morte, pelo menos temporariamente, das escolas: as deixou sem vida interna, sem cheiros, sabores, sem ar.” (KOHAN, 2020, p. 5).

Sobre as perdas na aprendizagem, Sommer e Schmidt (2022, p. 435), pontuam a falta de acesso à internet e recursos digitais, “o acesso desigual a esses recursos e tecnologias tem a ver com as desigualdades que dão forma à nossa sociedade.” Apontando como uma situação já existente e que teve, durante a pandemia, o olhar ampliado sob uma lente de aumento.

Considerar essas características do tempo vivenciado durante a pandemia e pós-pandemia no retorno à escola pela ótica da criança, através de suas falas, de suas ações, é parte fundante desta pesquisa. Nossas questões se estenderam para além do aprendizado formal, mas para o desen-

volvimento integral da criança e a promoção da saúde na escola. Realizando desta forma uma articulação inédita entre Psicomotricidade Relacional, efeitos da pandemia na educação e pesquisa-intervenção. Esta última será discutida na metodologia a seguir, planejada para atingir os objetivos propostos.

Metodologia

A pesquisa-intervenção se insere como uma possibilidade de pesquisa participante em que o pesquisador encontra-se implicado com o processo de pesquisa, fazendo jus a ideia aqui apresentada, pois iremos investigar e ocupar o campo já habitado ao longo dos últimos anos, desta forma, além do lugar de profissional, ocupar o lugar de pesquisadora. A pesquisa-intervenção reconhece o lugar do pesquisador como sujeito que intervém na realidade da pesquisa e, portanto, assume um papel de não neutralidade. Rejeita-se, assim, uma concepção de pesquisa positivista naturalizante, que apenas coleta dados já preexistentes, e trabalha no sentido de que os dados são frutos do encontro do pesquisador com o campo (MIRANDA; CYSNE; SOUZA FILHO, 2016; MIRANDA et al, 2018).

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa dos dados. Bogdan e Biklen (1994, p. 51) afirmam: “Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitem tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador”, os mesmos se adéquam aos objetivos traçados.

A essência da pesquisa-intervenção reside na concepção de que pesquisa e ação são complementares, não excludentes. Nesse sentido, os pesquisadores atuam de forma engajada em cenários reais, como a escola, estabelecendo colaborações com as partes envolvidas. Mais do que meros observadores, eles se envolvem ativamente, cooperando de perto com indivíduos, comunidades ou organizações para compreender de maneira aprofundada as questões emergentes. O tipo de estudo, se adequa a metodologia do projeto guarda-chuva em que esta pesquisa está vinculada.

A pesquisa-intervenção, consiste em uma tendência das pesquisas participativas que busca investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa, assumindo uma intervenção de caráter socioanalítico (ROCHA e AGUIAR, 2003, p. 66). É uma investigação participativa que busca a interferência coletiva na produção de micropolíticas de transformação social (AGUIAR e ROCHA, 2007, p. 650). “Na pesquisa-intervenção o que interessa são os movimentos, as metamorfoses não definidas a partir de um ponto de origem e um alvo a ser atingido, mas como processos de diferenciação.” (BARROS e PASSOS, 2000, p.73 apud PAULON, 2005, p. 24).

O cenário da pesquisa foi uma Escola Municipal de Fortaleza. A escola está situada em área da periferia de Fortaleza, mais conhecida por ser atravessada por canais de esgoto a céu aberto, não há saneamento básico. É uma das instituições escolares que aderiu ao projeto de implantação da Psicomotricidade Relacional na Escola desde o ano de 2013. Nesta escola são realizadas sessões semanais de Psicomotricidade Relacional, com turmas da educação infantil, este trabalho é realizado por uma profissional professora psicomotricista relacional, em ambiente adequado para este atendimento.

No transcorrer do segundo semestre letivo de 2023, utilizamos como dispositivo de intervenção, as sessões de Psicomotricidade Relacional com as crianças do 3º ano dos anos iniciais. A turma, formada por 30 alunos que tinham entre 8 e 9 anos de idade, era dividida em 2 grupos, a

fim de facilitar a participação de todos através da movimentação pelo espaço físico da sala. Foram realizados 10 encontros. As vivências aconteciam uma vez por semana, nas segundas-feiras preferencialmente, com duração mínima de uma hora. As intervenções foram norteadas através do recurso do jogo simbólico para subsidiar o desenvolvimento dos processos cognitivos, socioemocionais e motores das crianças. Esse é um jogo que utiliza a linguagem corporal como um recurso de decodificação das sutilezas expressas nas relações com o outro e com o meio.

Durante as verbalizações iniciais e finais das vivências de Psicomotricidade Relacional, as crianças foram incentivadas a verbalizar seus sentimentos, emoções e percepções relacionadas à sessão vivida. Contudo ressaltamos que, “ao operar no plano dos acontecimentos, a intervenção deve guardar sempre a possibilidade do ineditismo da experiência humana, e o pesquisador a disposição para acompanhá-la e surpreender-se com ela” (PAULON, 2005, p.21).

A produção de dados foi constituída por anotações de diário de campo feitas pelos pesquisadores envolvidos, com suporte de filmagens das sessões. De acordo com tais elementos, foi realizada uma pesquisa que procurou compreender e fundamentar os dados produzidos, além de realizar uma análise, considerando aqui, os conteúdos latentes, para além daquilo que se mostra aparente.

Os procedimentos éticos seguiram os trâmites importantes. Foi solicitada à gestão escolar a assinatura do Termo de Anuência e todos os responsáveis pelas crianças da pesquisa leram e concordaram com o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE. As crianças precisam ter consciência da realização da pesquisa e assinar o Termo de Assentimento.

Análise e discussão dos dados

Os encontros foram realizados no segundo semestre de 2023, os dados produzidos vêm sendo analisados. Neste artigo iremos relatar os dois primeiros encontros e nossas impressões sobre estes momentos.

Cada um dos encontros trazia uma temática inicial que envolvia o cenário da pandemia. A brincadeira e o jogo espontâneo estiveram presentes em vários destes momentos. Neste trabalho de campo éramos três adultos atuantes, sendo dois alunos da graduação em psicologia, um deles, bolsista PIBIC² e outra graduanda em psicologia e professora da rede estadual de ensino, eu mesma, pesquisadora, professora psicomotricista relacional da escola, cenário desta pesquisa. Estivemos sob a supervisão da coordenadora da pesquisa, também co-autora deste trabalho. Cada um de nós tinha responsabilidades com o grupo de crianças, eu, como psicomotricista relacional fui a responsável por conduzir os encontros, nós três registramos e planejamos cada encontro seguinte de acordo com as falas das crianças e conforme íamos percebendo suas demandas. Resaltamos aqui o caráter coletivo desta pesquisa-intervenção.

No dia 04 de setembro de 2023, realizamos uma grande roda de conversa. A priori precisávamos convidar as crianças para participar da pesquisa, explicar sobre o que se tratava e em seguida pedir que elas trouxessem seus pais à escola para assinar o termo de consentimento de participação de menor de idade em pesquisa, procedimento necessário.

Na sala de Psicomotricidade Relacional, para apresentar o tema da pesquisa, nos preocupamos em proporcionar às crianças a ambientação com o *setting* e com a pesquisa, familiarizando-os com imagens da escola, provocando sensações de acolhimento e memórias positivas já vividas

2. PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Universidade Federal do Ceará).

neste espaço físico. Sobre a importância desse espaço, Vieira, Batista e Lapierre (2013) afirmam que o *setting* representa um espaço simbólico permissivo e desculpabilizante e representa ainda um espaço continente, por isso nosso investimento afetivo. Este momento foi direcionado às crianças, e através da conversa, procuramos lembrar com elas os acontecimentos da pandemia, deixando o mais evidente possível que essa era uma pesquisa em que desejamos compreender como, para elas, as crianças, vivenciaram os tempos de pandemia.

Sobre pesquisar COM crianças, Abramowicz (2020) sugere que pesquisar crianças envolve estar com elas e buscar acessar seus desejos, no sentido de alcançar uma perspectiva que compreenda as suas visões. Castro (2008) sugere que, ao invés de tentar eliminar ou minimizar o infantil, que muitas vezes é visto como um obstáculo na pesquisa, devemos reconhecer e valorizar essa característica como parte fundamental dos processos de interação e formação de conhecimento. Um aspecto crucial destacado pela autora é a visão das crianças como agentes ativos de conhecimento. Em vez de serem apenas objetos de estudo, as crianças são reconhecidas como participantes ativas que contribuem com seu próprio entendimento e conhecimento. Isso desafia a visão tradicional onde o pesquisador é o único detentor do saber.

Neste momento tivemos a professora da turma presente, o que facilitou a comunicação e a contenção afetiva da euforia das crianças. Durante esse encontro, foi notável a insatisfação geral delas por terem que brincar somente dentro de casa durante a pandemia. A realidade da maioria destas crianças conta com uma rotina quase que diária de brincar na rua, com os amigos que normalmente são vizinhos e parentes. Tal realidade não é percebida em muitos lugares pela cidade, acreditamos que essa é uma característica comum das comunidades de periferia e das crianças cujas famílias compõem esse coletivo comunitário.

Pensando nas falas planejamos o encontro seguinte, nossa intenção foi a de trazer a memória marcadores importantes do período pandêmico e a cada momento, brincar com as possibilidades deste jogo, procurando oferecer um momento para dar vazão a euforia visível no movimento das crianças durante o primeiro encontro. Com o olhar da Psicomotricidade Relacional pudemos perceber corpos ansiosos, com muita coisa a ser dita, o desejo de ter uma atenção exclusiva do adulto, uma disputa entre pares pelo momento de fala. Uma necessidade de serem vistos. Vieira, Batista e Lapierre (2013) destacam a importante função do psicomotricista em decodificar, intervir e responder de maneira a proporcionar possibilidades de desenvolvimento e evolução.

A Sociologia da Infância corrobora com a prática psicomotora relacional, pois é um campo de estudo que percebe as crianças como atores sociais plenos, com direitos, vozes e agências próprias, em vez de meros adultos em formação. Essa abordagem desafia as percepções tradicionais e paternalistas, enfatizando a importância de entender a infância como uma construção social. De acordo com Sousa (2014), Winnicott (1982) afirma que a brincadeira da criança com outra pessoa é uma vivência terapêutica, permitindo que ela adquira experiências internas e externas essenciais para o desenvolvimento de sua personalidade.

Assim, no dia 11 de setembro de 2023, a proposta foi "Brincar: Narrativa da cidade das cores". Revisitaram-se períodos importantes da pandemia, como a descoberta do vírus, o uso das máscaras, o distanciamento social e a criação da vacina. Através do jogo simbólico, as crianças representaram diversos papéis sociais durante a pandemia, como policiais, ladrões, médicas, babás, motoristas de aplicativo, faxineiras e dançarinas. Essa atividade trouxe à tona a relação das crianças com as vivências das profissões e as questões da vulnerabilidade social, além da temática da vacina. A seguir descrevemos o que foi vivido, por isso, em alguns momentos dos parágrafos a narrativa da brincadeira se intercala com as leituras que fizemos como pesquisadores.

Em um grande paraquedas estendido no chão, as crianças foram convidadas a se descalçar e entrar na sala, escolhendo um lugar na roda para sentar, a proposta de brincadeira foi ali feita. Vale ressaltar que embora o jogo espontâneo seja fundante na prática psicomotora relacional, aqui optamos por intervir na espontaneidade por completo fazendo a narrativa de uma história, neste caso, a pandemia, com o intuito de atender aos objetivos da pesquisa. Chamamos o cenário do brincar de cidade das cores, em que cada um de nós era um morador desta cidade.

Rolnik (2000, apud FERNANDES JÚNIOR, 2014) sugere que, ao pensar a infância, é necessário abandonar as noções tradicionais de faixa etária e as concepções “infantilizadas” da criança. Ele propõe ver a criança como um outro, com todas as possibilidades de linhas de fuga e capacidades expressivas. O conceito de “devir-criança” na linguagem poética é entendido como uma conexão com o elemento lúdico, o desejo, o prazer e a espontaneidade característicos da arte como micropolítica. Desta forma, o brincar foi conduzido para proporcionar uma experiência no brincar para todas as pessoas presentes.

E assim a história deu espaço à brincadeira. Era uma vez, uma cidade, muito colorida, no caso, o paraquedas que ocupava todo o chão da sala. Cada um de seus moradores, tinha a casa de sua cor preferida, nesse momento cada criança conforme seu ritmo, escolhia uma parte do paraquedas para ficar. Durante o dia todos saiam de casa para trabalhar, nesse momento cada criança ia escolhendo um papel social, uma profissão. Tivemos motorista de aplicativo, policial, bailarina, médica, faxineira, enfim. Aqui percebemos o quanto as profissões escolhidas no brincar refletem a realidade de alguns e a imaginação criativa de outros, quando ficava de noite todos voltavam para suas casas, dormiam, sonhavam, saiam de casa às escondidas. E assim a rotina se repetia na narrativa feita.

Até que certo dia, houve uma notícia na televisão, nos celulares, ninguém mais podia sair de casa, quem não tinha TV ou celular recebia a notícia pelo vizinho ou pelo porteiro da escola, e assim os dias iam passando, alguns podiam sair pra trabalhar, outros ficaram sem emprego. Durante o brincar alguns medos se revelaram, *se o policial não podia sair de casa como ele iria proteger as pessoas, se eu fiquei desempregada como ia comprar comida*. O que se revela no brincar para nós corrobora com as afirmações de Abramowicz (2020), ela observa que as crianças, solidárias com seus pais, acompanham-nos em travessias perigosas e se lançam nessas jornadas, ficando à mercê das forças econômicas, raciais, étnicas, entre outras, que podem levar à destruição. Além disso, por causa de sua faixa etária, as crianças são totalmente dependentes dos adultos em qualquer uma dessas circunstâncias. Dramatizar no brincar uma vida adulta, revelou como espelho as preocupações comuns da época, principalmente no Brasil, como um governo que evidenciava o desamparo. O auxílio emergencial demorou a ser implantado, havia medo, muito medo, pelo desemprego, arriscamos dizer que nesta comunidade em específico, maior que o medo do vírus.

Conforme os dias de distanciamento passavam, uma excelente notícia, a vacina estava disponível, como havia uma médica entre nós, moradores da cidade das cores, alguns fizeram fila para receber a vacina dela, contudo muitos correram e fugiram, com o dinamismo e destreza de crianças nessa idade. Houve euforia, o brincar, a perseguição, o corpo em movimento vigoroso. Fugindo do olhar adultocêntrico e perseguindo o olhar da Psicomotricidade Relacional, vimos nessa movimentação o desejo de mover-se, de tocar e ser tocado, o simples prazer de brincar. Não havia acertos e erros, movimentos desejáveis e não desejáveis, haviam crianças se relacionando entre pares e o mote ou pano de fundo foi a fuga da vacina. Já aqui, perseguindo o olhar de pesquisadores, percebemos que as crianças se comportavam refletindo naturalmente um espelho da sociedade, especificamente da informação a que elas tinham acesso neste período. As famosas *fake*

news chegaram rapidamente aos grupos de whatsapp, as conversas entre vizinhos, nos mercados, nas igrejas, na porta da escola, quando as famílias se encontravam para buscar cestas básicas de alimentos e/ou atividades escolares impressas para seus filhos.

Abramowicz (2020) ainda argumenta que buscar a perspectiva das crianças é uma tarefa analítica extremamente desafiadora. Segundo ela, os sociólogos da infância têm consistentemente afirmado que a participação política das crianças e sua voz envolvem essencialmente cenas políticas que diferem das hegemonias discursivas e participativas, que tradicionalmente assumem que tais ações devem ser realizadas por adultos. Para a autora, a fala e a participação das crianças como agentes nos processos sociais constituem uma das lutas micropolíticas mais eficazes, sendo uma espécie de movimento político, uma vez que a escola, em particular, é orientada para a conformação política das crianças e é incapaz de escutá-las.

Para além da imitação do adulto, na brincadeira a criança também mostra seus pontos de vista e, devido a sua espontaneidade, logo os revela. Por isso há que se constatar como esse momento finalizou, vale ressaltar que não foi com o comando da psicomotricista relacional, mas sim somente quando todos foram devidamente vacinados, pois o jogo que foi construído pelas crianças tinha suas próprias regras.

De acordo com Fernandes Júnior (2014), com base em Larrosa (2000), pensar a infância deve ir além dos limites de idade, etapas evolutivas da vida ou da oposição entre adulto e criança. A infância deve ser concebida como alteridade, como um outro que desafia o modelo cristalizado do universo adulto e que demarca a linha de declínio do poder. Ao respeitar a alteridade das crianças, abre-se espaço para questionar e desafiar as estruturas de poder e controle que os adultos tradicionalmente têm sobre as vidas e vozes das crianças. No brincar, embora houvesse comandos, as crianças tinham o poder de direcionar o jogo. Houve um empenho das crianças lideradas pela médica em fazer a vacinação acontecer.

Passando para um outro momento da vivência, todos os moradores retomaram suas rotinas e puderam visitar uns aos outros em suas casas coloridas e ter um momento de descanso juntos. Para finalizar, todos falaram na roda de conversa final um pouco sobre o que mais gostaram desta vivência, e como era previsível, a vacinação foi uma das melhores partes do brincar, algumas crianças mencionaram também sobre o descanso e dessa forma nos despedimos deste momento simbólico e uns dos outros, no caso, os adultos presentes na vivência das crianças que participaram. De acordo com a psicomotricidade relacional e seus procedimentos, seguimos estas etapas: momento de conversa inicial, jogo dinâmico, relaxamento e momento de conversa final, conforme descrito.

Conclusões

Destacamos aqui o quanto o brincar é cheio de significados, que vão além da compreensão dos adultos presentes. Nosso olhar adultocêntrico é um olhar cheio de experiência, de história e fundamentado em crenças e convicções. Contudo arriscamos trazer nossas considerações finais sobre a experiência de campo vivenciada.

A Psicomotricidade Relacional se configura como um excelente dispositivo de pesquisa-intervenção e pesquisar COM crianças, visto o quanto a metodologia é participativa e onde as vozes e perspectivas das crianças são ativamente solicitadas e incorporadas e essenciais, facilitando a expressão infantil.

Ressaltamos aqui a importância de uma boa formação do pesquisador para realizar o manejo de uma vivência, não é só uma brincadeira, quando é compreendida de forma pejorativa, mas sim o brincar que produz sentidos, conhecimentos e subjetividades. Em Psicomotricidade Relacional o ato tem valor de linguagem, cabe ao psicomotricista relacional realizar a leitura dos atos vividos e decodificar seu significado, respondendo esse diálogo tônico com sua própria ação na brincadeira, implicando-se corporalmente para fazer evoluir uma relação autêntica.

Acreditamos que por meio destas vivências em específico as crianças puderam reviver questões densas da pandemia por meio do brincar, isso ofereceu às crianças um espaço para produção de subjetividades, pensar, falar, vivenciar e ressignificar sensações e emoções associadas a suas experiências.

Por fim, ressaltamos o ineditismo desta pesquisa, por escutar as crianças através da aliança entre a Psicomotricidade Relacional e a pesquisa-intervenção.

Referências Bibliográficas

Abramowicz, A. (2020). Crianças e guerra: as balas perdidas! *Childhood & Philosophy*, 16, 1–14. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2020.48358>

Aguiar, K., & Rocha, M. (2007). Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: Referenciais e Dispositivos em análise. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4). Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n4/v27n4a07.pdf>

Belota, J. M.; Jatobá, S. S. & Rebelo, H. G. (2021). Da pandemia à antidemocracia. Poder público, povos indígenas e perspectiva: um relato sobre negligência estatal. *Mundo Amazônico*, 12(1), e88691. <http://dx.doi.org/10.15446/ma.v12n1.88691>

Fernandes Júnior, A. (2014). Discurso, poder e processos de subjetivação: A infância na sociedade de controle. *Letras*, 48, 157–173. <https://doi.org/10.5902/2176148514430>

Fortaleza. (2021). Lei Ordinária nº 11.207, de 17 de dezembro de 2021. *Diário Oficial do Município*. Disponível em <https://sapl.fortaleza.ce.leg.br/ta/3864/text>

Kohan, W. O. (2020). Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. *Práxis Educativa*, 15, e2016212, 1-9. Disponível em <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16212>

Miranda, L. L.; Cysne, J. B. & Souza Filho, J. A. (2016). Juventude e Mídia: Discutindo, Criando, Pesquisando. In F. Rios, L. Vieira, & T. Queiroz (Orgs.), *Metodologias participativas e organização psicossocial: promoção de saúde e enfrentamento da violência sexual e de gênero* (pp. 209-231). Editora UFPE.

Miranda, L. L.; Souza Filho, J. A.; Oliveira, P. S. N. & Sousa, S. K. R. B. (2018). A relação Universidade-Escola na formação de professores: Reflexões de uma pesquisa intervenção. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(2), 301-315. <https://doi.org/10.1590/1982-3703005172017>

Organização Pan-Americana da Saúde. (2022). *Transformar cada escola em uma escola promotora de saúde: Padrões e indicadores globais*. ISBN: 978-92-75-72513-9 (impresso), ISBN: 978-92-75-72512-2 (pdf). <https://doi.org/10.37774/9789275725122>

Paulon, S. (2005). A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, 17(3), 18-25. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n3/a03v17n3.pdf>

Ribeiro, T. & Skliar, C. (2020). Escolas, pandemia e conversação: notas sobre uma educação inútil. *Série-Estudos*, 25(55), 13-30. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/sest/v25n55/1414-5138-sest-25-55-0013.pdf>

Rocha, M. L. & Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-intervenção e a Produção de novas análises. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(4), 64-73. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932003000400010&script=sci_arttext

Santana, H. L. P. C. dos; Maciel, F. B. M.; Santos, K. R.; Conceição, C. D. V. S. da; Oliveira, R. S. de; Silva, N. R. F. da & Prado, N. M. de B. L. (2020). Necropolítica e reflexões acerca da população negra no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma revisão bibliográfica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(Supl.2), 4211-4224.

Sommer, L. H. & Schmidt, S. (2022). Pandemia, perdas na aprendizagem e reinvenção da escola. In C. S. Traversini et al. (Orgs.), *Alfredo Veiga-Neto: modos de ser e pensar junto com Michel Foucault* (pp. 430-439). Pedro & João Editores.

Sousa, D. C. (2014). Percurso da psicomotricidade no instituto da primeira infância (IPREDE). In D. Campos & S. Cabral (Eds.), *Psicomotricidade: Uma visão sobre a infância no IPREDE* (pp. 87-103). Fortaleza: Gráfica LCR.

Vieira, J. L.; Batista, M. I. B. & Lapierre, A. (2013). *Psicomotricidade Relacional: a teoria de uma prática*. Fortaleza: RDS Editora.

Vieira, J. L.; Lapierre, A. & Batista, M. I. B. (2013). Abordagem sobre o desenvolvimento humano a partir de seu criador – André Lapierre. In M. I. B. Batista & J. L. Vieira (Eds.), *Textos e Contextos em Psicomotricidade Relacional* (Vol. 1, pp. 20-30). Fortaleza: RDS. Abramowicz, A. (2020). Crianças e guerra: as balas perdidas! *Childhood & Philosophy*, 16, 1–14. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2020.48358>